



O DESEMPENHO ESCOLAR EM MATEMÁTICA: UM ESTUDO SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Verônica Ster Martins¹
Pollyana dos Santos²

Abstract

This study aimed to investigate the difficulties encountered by students in the process of teaching learning that trigger a low school performance in the discipline of mathematics in elementary school. The research was carried out in a school of the municipal education network located in the south of Espírito Santo and had as subjects: students, pedagogical team and teachers of the referred stage of basic education. The type of research carried out was a case study, assuming a qualitative approach to data analysis. The instruments of data collection were: documentary analysis, participant observation and interviews with semi-structured scripts with mathematics teachers, pedagogical staff and students. The main theoretical references are: Patto (2015); Saviani (1987) and Lorenzato (2006). The results obtained allowed us to identify that the indifference to the mathematical contents, the feeling of incapacity and lack of habit of studying at home of the students, as well as the teaching methodology used collaborate for the poor performance of the students in mathematics.

Keywords: school performance; mathematics; teaching-learning process.

Resumo

Este trabalho teve o objetivo de investigar quais são as dificuldades encontradas pelos alunos no processo ensino aprendizagem que desencadeiam um baixo desempenho escolar na disciplina de matemática no ensino fundamental. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino localizada no sul do Espírito Santo e teve como sujeitos: estudantes, equipe pedagógica e professores da referida etapa de ensino da educação básica. O tipo de pesquisa

¹ Instituto Federal do Espírito Santo, Matemática, Cachoeiro de Itapemirim-ES, veronicaster.martins@gmail.com

² Instituto Federal do Espírito Santo, Matemática, Cachoeiro de Itapemirim-ES, pollyana.santos@ifes.edu.br

realizada foi um estudo de caso, assumindo uma abordagem qualitativa de análise de dados. Os instrumentos de coleta de dados foram: análises documentais, a observação participante e as entrevistas com roteiros semiestruturados com professores de matemática, equipe pedagógica e alunos. Como principais referenciais teóricos tem-se: Patto (2015); Saviani (1987) e Lorenzato (2006). Os resultados obtidos nos permitiu identificar que a indiferença pelos conteúdos matemáticos, o sentimento de incapacidade e falta de hábito de estudar em casa dos estudantes, assim como a metodologia de ensino utilizada colaboram para o baixo desempenho dos alunos em matemática.

Palavras-chave: desempenho escolar; matemática; processo ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visou investigar quais são as dificuldades encontradas pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que desencadeiam um desempenho escolar pouco satisfatório em matemática. A pesquisa se desenvolveu em uma escola da rede pública de ensino de um município do sul do Espírito Santo, nos meses de fevereiro a junho do ano de 2017. Tiveram como sujeitos: estudantes, equipe pedagógica e professores da referida etapa de ensino da educação básica.

Dados estatísticos apresentados pela Secretaria Municipal de Educação do município onde a pesquisa foi realizada, indicaram que a matemática é responsável por grande parte das reprovações nas séries finais do ensino fundamental.

Os resultados das avaliações de 2015 do Programme for International Student Assessment (PISA)³ mostram que o desempenho dos alunos brasileiros está abaixo da média dos alunos dos países da Organização para a Cooperação e desenvolvimento Econômico (OCDE). Em ciências 401 pontos, comparados à média de 493, em leitura 407 pontos, comparados à média de 493 pontos e em matemática 377 pontos, comparados à média de 490 pontos. Outros países como Colômbia, México e Uruguai que também foram avaliados em 2015, obtiveram melhores resultados que o Brasil.

Na avaliação do PISA de 2012, em matemática, o Brasil ocupava o 58º lugar. Em 2015 o Brasil passou para o 65º lugar dentre os 70 países participantes.

³ (BRASIL, 2016). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42771>>. Acesso em: 22 abr.2017.

Resultados como estes demonstram que o baixo desempenho dos alunos não se restringe às avaliações do cotidiano escolar.

Diante do incômodo gerado por esse cenário, uma questão se fez pertinente: quais são as dificuldades encontradas pelos alunos no processo ensino aprendizagem que desencadeiam um baixo desempenho escolar na disciplina de matemática no ensino fundamental?

Nesse sentido, este estudo se faz relevante por tentar identificar quais são as dificuldades encontradas por estudantes das séries finais do ensino fundamental, nos conteúdos matemáticos. Para alcançar o objetivo geral descrito anteriormente, a pesquisa se orientou pelos seguintes objetivos específicos: compreender como os estudantes percebem sua relação com a disciplina e com os professores de matemática; identificar junto aos estudantes do 7º ano as dificuldades encontradas no aprendizado dos conteúdos de matemática; realizar um levantamento das intervenções pedagógicas realizadas com os alunos que apresentam baixo desempenho em matemática e analisar os encaminhamentos dados a cada caso; identificar junto aos professores e equipe pedagógica os motivos que estariam relacionados ao baixo desempenho dos alunos no componente curricular de matemática.

De acordo com Patto (2015), é possível perceber que mesmo mediante a ações desenvolvidas em prol da educação, o fracasso escolar ainda persiste. As justificativas que se tem utilizado para a permanência desse quadro, em nada colaborou para uma mudança dessa realidade, pois em sua maioria, fundamenta-se em mitos.

Segundo a autora, um dos mitos muito utilizado pelos professores é o de que a criança carente não aprende. Outro mito utilizado para explicar o fracasso, é o da carência dos professores, mal preparados e desmotivados. Há outras “teorias” que tem por objetivo explicar o fracasso escolar, como a “teoria do dom” e a “teoria da carência cultural”.

Na “teoria do dom”⁴, busca-se explicar as causas do fracasso escolar nas características individuais do aluno. Postula-se que cada um de nós nasce com um

⁴ Sobre a teoria do dom, consideramos neste trabalho os apontamentos de Bourdieu que dialogam com a proposta de Patto(2015).

conjunto de dons, de talentos, de aptidões para realizar determinadas tarefas e não outras. (Patto, 2015)

A “teoria da carência cultural” baseia-se na ideia de que o ambiente carente em que os indivíduos das classes “desprivilegiadas” vivem gera deficiências pessoais, motoras, perceptivas, afetivo emocionais e de linguagem que impedem uma inserção social adequada. (Patto, 2015)

Observa-se que esses mitos têm sido utilizados para isentar de qualquer responsabilidade, quanto ao baixo desempenho dos alunos, a escola, seus profissionais e a própria estrutura e organização dos sistemas de ensino, a organização curricular e as formas de avaliar a aprendizagem dos conteúdos escolares.

1. Os caminhos da pesquisa

Esta investigação se orientou por uma abordagem qualitativa, uma vez que:

Diferentemente da pesquisa quantitativa, a qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda. Uma ideia mais geral sobre tal pesquisa é que ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis. A generalização é abandonada e o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados (Martins & Bicudo, 1989, p.23).

Optamos pelo estudo de caso, pois, entende-se que “[...] o conhecimento gerado a partir [dele] fornece uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis” (Lüdke & André, 1986, p.18).

Para o desenvolvimento desse trabalho, inicialmente, realizou-se um levantamento dos índices de reprovações, no componente curricular de matemática, dos alunos do ensino fundamental de um dos municípios do sul do Estado do Espírito Santo e, concomitantemente, uma revisão de literatura acerca do tema. A escola escolhida foi a que apresentava os piores índices de desempenho em matemática.

Após a seleção da escola, foram realizados contatos com a gestão da instituição e foi dada permissão para a realização da pesquisa. A partir de então, foram analisados dados fornecidos pela gestão escolar sobre as reprovações em matemática dos alunos das séries finais do ensino fundamental dos últimos cinco

anos. De acordo com as informações havia um empate no percentual de alunos que repetiram de ano das turmas dos 6º e dos 7º anos. Optamos por realizar a pesquisa na turma do 7º ano, por serem alunos com maior idade e mais tempo de trajetória escolar.

Selecionada a turma, foram analisados documentos escolares (atas de resultados finais, histórico, relatórios e fichas de matrículas) para conhecermos a trajetória escolar dos estudantes. Após essa etapa, realizou-se a observação participante e as entrevistas semiestruturadas com professores de matemática⁵, equipe pedagógica e alunos.

A observação participante permitiu "[...] captar as percepções, os sentimentos, as expressões das crenças dos sujeitos da pesquisa, seja por meio da verbalização do que pensam e sentem, seja por meio dos gestos, da forma como ocupam o espaço, como agem e interagem com seus pares". (Vianna, 2007 apud Santos, 2014, p.37).

A observação participante ocorreu durante todo o mês de abril e início do mês de maio de 2017, nas aulas de matemática e em três dias da semana (quartas, quintas e sextas-feiras). O objetivo da observação durante as aulas de matemática e nas demais dependências da escola era nos aproximarmos dos sujeitos da pesquisa, bem como perceber como eles se relacionavam naquele espaço. As observações foram registradas em diário de campo e, posteriormente, foram analisados a luz do referencial teórico.

2. Imersão no mundo da escola

A escola em que foi realizada a pesquisa localizava-se em um bairro de classe média baixa, atendendo a alunos de bairros vizinhos e algumas comunidades de zona rural. Possuía uma estrutura física ampla e em boas condições, salas grandes, arejadas e com boa iluminação. Possuía também biblioteca e laboratório de informática. No entanto, não eram utilizados por falta de monitores.

Dentre as turmas do turno vespertino, três são de 7º anos. A pesquisa foi realizada em uma dessas turmas, composta por 18 alunos matriculados, sendo 6 meninas e 12 meninos, com faixa etária entre 13 e 16 anos.

⁵ Foram feitas diversas tentativas de entrevistar a professora regente, porém, ela optou por não conceder a entrevista.

A observação participante nos possibilitou adentrar no dia a dia da sala de aula, fazendo com que tivéssemos um contato direto com os participantes do processo escolar, observando atentamente as práticas às quais se dedicam alunos e docente. A partir das constatações e percepções que tivemos na observação participante, juntamente com a análise dos documentos escolares dos alunos, selecionamos os seis alunos que gostaríamos que participasse da entrevista.

Sendo assim, participaram das entrevistas seis alunos, sendo duas meninas e quatro meninos, além da supervisora do turno vespertino.

3. Os bastidores da escola

3.1 Relação dos alunos com a escola e o desempenho escolar em matemática

Na turma pesquisada todos os alunos já reprovaram pelo menos uma vez. Sabendo que o ambiente escolar deve ser um local livre de qualquer tipo de segregação, separar alunos com trajetórias de reprovação, dos que têm um bom desempenho é uma prática discriminatória que não favorece o desenvolvimento dos alunos. Sobre esses remanejamentos de estudantes em salas por critério de desempenho escolar, (Patto, 2015, p.234) afirma que:

[...] são feitos em nome do mesmo objetivo formal: homogeneizar o grupo-classe de modo a permitir ao professor um trabalho mais eficiente e aos alunos um melhor aproveitamento. Na prática, é outra a motivação que fala mais alto: as professoras tentam se livrar dos alunos que lhe são indesejáveis, ou porque contribuirão para aumentar os índices de reprovação em sua classe, ou porque perturbam a ordem e as perturbam, mobilizando seus fantasmas além do que podem suportar. Uma corrente de sentimentos negativos em relação a determinadas crianças as empurra de uma classe para outra, o que contribui para a sedimentação de estereótipos dos quais não conseguirão mais se libertar.

A condição de “repetentes” dos alunos do 7º ano, muitas vezes é exposta de forma pejorativa tanto na sala de aula, quanto em outras dependências da escola. Ela se propaga pelos próprios alunos, professores e outros funcionários da escola. Além de repetentes, são atribuídos outros estereótipos aos alunos da turma: como “vândalos”, “selvagens” e “burros”, gerando o que denominamos de violência simbólica⁶.

⁶ Para Marra e Tosta (2007, p.170) a violência simbólica, é um tipo quase imperceptível no quadro de violência explícita da escola, mas apontada por todos como uma violência escondida, porque não mostra sangue, não incorre em fatos passíveis de sanções do Códigos Penais, mas, como um potente fermento, energiza de forma conflituosa e negativa as relações entre os envolvidos na escola.

Nesse ambiente hostil, marcado pelo insucesso escolar os alunos não se reconhecem como parte importante da composição da escola. Dessa forma, não se importam em respeitar as regras e as pessoas vinculadas a ela, pois, “relações de opressão e humilhação que levam ao conformismo e à resignação têm como contrapartida atos de resistência e rebeldia em seu interior” (Patto, 2015, p.25)

É inegável que diferenças e desigualdades fazem parte da escola, contudo, a forma como se compreende e se trata a “diferença” no espaço escolar interfere nas relações educativas e, conseqüentemente, nas relações de aprendizagem e de socialização. Entendemos que para mudar essa realidade, a escola precisa reconhecer e valorizar as diferentes trajetórias e identidades de seus alunos, resgatando o papel dos sujeitos na vida social e escolar (Tosta, 2014).

Nessa perspectiva Dayrell (Ezepeleta & Rockwell, 1986 apud 2006, p.137) afirma que:

A escola, como espaço sócio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo.

Os estudantes reconhecem que a escola é um lugar de aprendizados importantes e apostam nela para ter uma ascensão social. Eles acreditam que a escola possa certifica-los para conseguir emprego com remunerações melhores. No entanto, acabam por reduzir a escola a um conjunto de informações a serem transmitidos:

[...] a escola é importante para ser alguém na vida né, aprender a lê e escrever (Estudante A)

[...] sem estudo ninguém dá trabalho não. Só se for de servente (Estudante B).⁷

[...] a escola é importante pra quem quer né, pra quem consegue passar (Estudante C).

Com essa visão da função da escola, os alunos que reprovam, se desinteressam pelas aulas, suas expectativas são as piores; a cada nota baixa que

⁷ As falas foram retiradas da entrevista dos alunos do 7º ano, concedida a Verônica Ster Martins, em maio de 2017. Arquivo em mp3. Para garantir o anonimato dos entrevistados foram utilizados letras maiúsculas para denominá-los.

aparece nas avaliações reforça a ideia de que é incapaz. Seria importante que a escola e os professores buscassem formas diferenciadas de exposição de conteúdos e que existisse algum reforço escolar em horário diferenciado para que o aluno realmente tivesse oportunidade de aprender o conteúdo.

3.2 Relação dos alunos com o professor e com os conteúdos matemáticos

Rotineiramente, ao se deslocar rumo a turma do 7º ano, a professora encontra os alunos no corredor, em frente a porta. Num tom de rigidez, coloca-os para dentro da sala de aula. Outros alunos chegam após a professora ter fechado a porta e a docente demonstra irritação. Nesse clima pouco harmonioso inicia-se a aula de matemática. A professora dá o comando das atividades propostas, mas é ignorada pela maioria dos alunos, que estão distraídos com os colegas ou com algum objeto pessoal⁸.

Conversas paralelas, chacotas e palavrões fazem parte do cotidiano das aulas de matemática, sendo necessário que a todo momento a professora chame a atenção, interferindo, assim, no desenvolvimento das atividades. Na entrevista, os alunos relataram que no ano anterior seus comportamentos eram piores ainda:

[...] no ano passado a gente era pior, teve até cadeiradas (Estudante A).

[...] pegavam até mochilas para tampar nos outros (Estudante D).

Quanto à professora, os alunos disseram gostar dela, apesar de não fazerem as atividades propostas nas aulas.

São conscientes de que seus comportamentos acabam por interferir no desempenho escolar deles:

[...] na sala tem muita risadinha, conversinha, prestar atenção mesmo nada (Estudante A).

[...] a gente tenta prestar atenção, mas os outros não deixa, implica, ficando rindo (Estudante D).

[...] o problema não é a professora, é nós, que fica de brincadeira (Estudante E).

Com relação ao componente curricular de matemática, todos os estudantes afirmaram que é o mais difícil e que gostam menos. Dentre os alunos entrevistados, no primeiro trimestre de 2017, todos ficaram com notas baixas nas avaliações de

⁸ Registro feito no diário de campo no decorrer da observação participante.

matemática. Disseram que, com o decorrer dos anos/séries foram se desinteressando pelos conteúdos matemáticos, em virtude de não compreendê-los:

[...] não entendo nada, aí a gente conversa (Estudante C).

[...] fui me desinteressando, brinco nas aulas, acho muito difícil matemática (Estudante E).

[...] faço o dever hoje, amanhã não lembro mais não. Na hora da prova dá Alzheimer (Estudante B).

Com relação a aprendizagem dos conteúdos matemáticos, podemos considerar que:

O sucesso ou o fracasso escolar dos alunos diante da matemática depende de uma relação estabelecida desde os primeiros dias escolares entre a matemática e os alunos. Por isso, o papel que o professor desempenha é fundamental na aprendizagem dessa disciplina, e a metodologia de ensino por ele empregada é determinante para o comportamento dos alunos (Lorenzato, 2006, p.01).

Neste trabalho, entendemos como sucesso escolar a apreensão do conhecimento científico. Ou seja, que a criança, o adolescente, o jovem e o adulto, além de aprenderem o conteúdo escolar, consigam aplicá-lo em seu cotidiano, de forma que venha a contribuir com a melhoria de sua qualidade de vida e dos que com eles convivem, atuando criticamente na sociedade.

No livro *Escola e Democracia*, Saviani (1987) afirma que o ensino não é somente pesquisa, onde o professor tem a função de estudar determinado tema e transmitir aos seus alunos. Mas sim, um artifício que deve ser utilizado de maneira inteligente, propondo atividades que permitam a resolução de problemas através do questionamento deles, levantamento de hipóteses pertinentes e experimentação, fazendo com que o aluno assuma a responsabilidade de sua própria capacidade de pensar e de se posicionar perante os desafios da vida.

3.3 Professora e Supervisora no contexto da escola

Nessa árdua tarefa o professor tem um papel singular. Ser docente não é fácil, uma vez que, é uma profissão que exige dedicação e comprometimento apesar da baixa remuneração e da falta de reconhecimento social.⁹

⁹ O texto “Quem quer ser professor de matemática?”, faz uma reflexão sobre a formação dos professores de matemática e suas atribuições.

Muitos profissionais optam por ter mais de um vínculo empregatício para aumentar sua renda. Este é o caso da professora que acompanhamos em nossa pesquisa.

No turno matutino, ela é regente de classe de uma turma de 3º ano do ensino fundamental, numa escola da zona rural do município. Na escola pesquisada, no turno vespertino, é docente na disciplina de matemática em duas turmas: 6º ano e 7º ano. Em conversas informais durante a observação participante, a professora relatou que o fato de não ser efetiva, ou seja, ser professora contratada em regime de designação temporária, fez com que ela fosse a última, dentre as professoras de matemática a escolher. Sendo assim, o que “sobrou” foram essas duas turmas consideradas “problemas”. Patto também relata essa realidade. Segundo ela, “[...] quase todas as crianças das turmas de remanejamento são portadoras de uma história marcada pelo fracasso. Por isso constituem uma classe que “ninguém quer” (Patto ,2015,243).

O que, a princípio, pode ter sido interpretado pela escola como possibilidade de render um trabalho com mais aproveitamento, pesquisas demonstram que essas organizações de turmas por desempenho escolar pouco colaboram para que esse objetivo seja alcançado:

Na verdade os remanejamentos fazem parte de um conjunto de práticas e processos que têm como denominador comum a desconsideração pelas crianças enquanto seres dotados de desejos e sentimentos, ou seja, a sua “coisificação” (Patto ,2015, p.235).

A prática pedagógica da docente se reduz a aulas expositivas, sendo que em nenhuma das aulas observadas utilizou o livro didático. Ela corrige no quadro todos os exercícios que passa, mesmo percebendo que os alunos não o fazem. Situação diferente da professora, a supervisora da escola, no turno vespertino, é efetiva na prefeitura, em dois vínculos. Trabalhou na escola pesquisada no período de 2007 a 2013 e retornou no início deste ano de 2017.

Assim como a professora, a supervisora, no turno matutino, atua nas séries iniciais do ensino fundamental. Essa experiência fez com que ela relacione a falta de interesse dos alunos nos conteúdos matemáticos, com a prática docente dos anos iniciais. Para a supervisora é necessário trabalhar mais com o “concreto”, principalmente nas séries iniciais, e com atividades ligadas ao cotidiano dos alunos:

Os professores precisam trabalhar mais o concreto, não queimar etapa,

desde a educação infantil. Não privilegiar só a leitura (fala da supervisora, em entrevista).

Segundo a supervisora, a escola precisa explorar mais o contexto em que o aluno está inserido, fazendo com que eles percebam que a matemática faz parte do dia a dia, de forma a sanar, pelo menos um pouco, as dificuldades dos alunos. Afirmou que nos planejamentos propõe atividades que fazem essa ligação teoria e prática, mas deixou claro que nem todos aderem as propostas:

Há muitos professores resistentes, que não mudam sua prática, às vezes seguem por um caminho que o aluno não está conseguindo, mas não mudam (fala da supervisora, em entrevista).

Quanto ao alto índice de reprovação em matemática, a supervisora acredita que há muitos alunos com dificuldades em assimilar os conteúdos matemáticos, pois, muitos deles não têm o hábito de estudar em casa, alguns estudam apenas na véspera da prova.

Um deles relatou que após retornar da escola só volta a olhar a mochila no outro dia, minutos antes de ir para a escola, comprovando assim a fala da supervisora:

[...] nem olho a mochila, só pra vir pra escola (Estudante aluno A)

[...] só estudo pra prova por que pro resto (Estudante E)

Não há na escola projetos no contra turno que visem uma melhora no rendimento dos alunos das séries finais do ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar no cotidiano da instituição escolar para tentar investigar quais são as dificuldades encontradas pelos alunos no processo ensino aprendizagem que desencadeiam um baixo desempenho em matemática, é importante estar atento, a questões como as relações professor/aluno, as dificuldades encontradas pelos alunos nos conteúdos de matemática, indisciplina e a forma como são realizadas as intervenções pedagógicas.

Percebemos que no dia-a-dia da sala de aula a rotina das aulas de matemática quase sempre é a mesma, com exceção das interrupções da equipe pedagógica para chamar a atenção dos alunos. Conversas paralelas e pequenos passeios na sala são constantes durante a aula, demonstrando indiferença pelos

conteúdos matemáticos ensinados.

Constatamos que os alunos não se importam em respeitar as regras da escola. E transgredi-las, faz parte de um processo de confirmação dos estereótipos dados a eles. Esse ato de assumir estereótipos que lhes foram dados interfere de forma profunda no desempenho escolar e social desses alunos. O sentimento de incapacidade é expresso em diversas conversas, em distintos momentos, mas no resultado das avaliações alcançam uma dimensão maior.

Não existe uma fórmula mágica para solucionarmos algo tão complexo como o fracasso escolar. Certamente que os resultados ruins incidem mais sobre os estudantes. No entanto, a escola e os docentes precisam rever suas estratégias de forma que promovam a aprendizagem, desconstruindo esse quadro de fracasso e discriminação. Nesse sentido, a relação que os professores estabelecem com seus alunos é muito importante, sendo necessária que ela se pautem no respeito as diferenças e no diálogo.

Com um olhar mais voltado para as aulas de matemática, constatamos que existe não apenas o desinteresse dos alunos pelos conteúdos matemáticos, mas também muita dificuldade. É provável que o desinteresse resulte da não compreensão dos conteúdos matemáticos ao longo das trajetórias escolares, ou vice-versa. Por outro lado, esse desinteresse dificulta a disponibilidade em aprender novos conhecimentos. Sabemos que o componente curricular de matemática ainda é considerado difícil, seja pelo seu rigor, seja pela exigência de conhecimentos anteriores.

Constatamos, também, que muitos dos alunos da turma pesquisada não dominam as quatro operações: soma, subtração, multiplicação e divisão. Na entrevista, a supervisora fala da necessidade de se trabalhar mais o concreto e o contexto nas aulas de matemática nas séries iniciais. Entendemos que a escola precisa estar mais atenta a essas demandas, pois nos referimos a não aprendizagem de conteúdos básicos, necessários a todas as pessoas, independentes de suas profissões futuras. Hábitos comuns como o de fazer compras no supermercado, ou comprar pães para o café exigem o conhecimento das operações matemáticas.

Entendemos que em um sentido mais amplo, a matemática não deve ser vista

apenas como pré-requisito para estudos posteriores. É preciso que o ensino esteja voltado também para a formação do cidadão, que utiliza cada vez mais os conceitos matemáticos no cotidiano. Nesse sentido, defendemos a ideia de que as aulas precisam ser mais dinâmicas, estabelecendo relações entre os conteúdos ministrados e o cotidiano dos alunos, quando isso for possível.

No entanto, mesmo com estudos comprovando que o desempenho em matemática não é bom ou satisfatório, não há na escola projetos que visem uma melhora no desempenho dos alunos das séries finais do ensino fundamental. Ou seja, a escola sabe da existência do problema, mas não se mobiliza, para reverter essa realidade. Ao contrário, suas práticas excludentes fomentam as situações de fracassos na escola.

Por fim, ressaltamos que as reflexões aqui expostas não pretendem esgotar a temática em questão. Trata-se apenas de uma formulação inconclusiva, sendo necessárias a ampliação e aprofundamento acerca do tema. Deixamos as informações e dados coletados para que venham servir de apoio para a melhor compreensão do ambiente escolar e, conseqüentemente, possibilitar que sejam feitas as intervenções apropriadas.

REFERÊNCIAS

- André, M. E. D. A. D. (2005). *Estudos de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Liber livro.
- Bourdieu, P., & Champagne, P. (1998). *Os excluídos no interior*. In: NOGUEIRA, M. A., CATANI, A. (orgs) *Escritos de Educação*. 3 ed. Petrópolis:Vozes.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394..
- _____. (2016). MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Avaliação Internacional: média em matemática está entre as menores do Pisa*. Disponível em:<http://portal.mec.gov/component/article?id=42771>. Acesso em: 22 de abr. 2017.
- Dayrell, J. (2006). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Lorenzato, S. (2006). *Para aprender matemática*. Campinas, SP: Autores Associados. (Coleção Formação de Professores).
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

- Marra, C. A. D. S., & Tosta, S. P. (2008). *Violência escolar: percepção e repercussão no cotidiano da escola*. Coleção Cultura, Mídia e Escola. Belo Horizonte. Autêntica. p. 15 - 190.
- Moreira, P. C., Ferreira, E. B., Jordane, A., Nobriga, J. C. C., Fischer, M. C. B., Silveira., & Borba, M. D. (2012). *Quem quer ser professor de matemática?* Zetetiké-FE/Unicamp- v.20,n.37-p.11-33.
- Patto, M. H. S. (2015). *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 4 ed. São Paulo: Intermeios.
- Santos, P. D. (2014) .*Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade*. Florianópolis. 227f. Tese(Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis.
- Saviani, D. (1987). *Escola e Democracia*. 40. ed. Campinas: Autores Associados.
- Szymanski, H. (2004). *A Entrevista na Pesquisa em educação: a prática reflexiva*. 3 ed. Brasília: Liber Livro.
- Tosta, S. P. (2011). *Antropologia e educação: interfaces em construção e as culturas na escola*. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, Nº 09.